

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

O “MÉTODO CARTOGRÁFICO” NA GEOGRAFIA BRASILEIRA: UM MAPA DA REDE *IMAGENS, GEOGRAFIAS E EDUCAÇÃO*

Willian Sartor Preve¹
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
williansartor@gmail.com

Resumo

Quais são os espaços por onde circulam determinadas ideias? É partir dessa questão que parte a investigação que motivou a escrita deste trabalho, cujo objetivo é o de mapear a produção de conhecimento na Geografia brasileira que dialoga com o “método cartográfico” de pesquisa. Com base nos escritos da filosofia da diferença e, sobretudo, no livro *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), entendemos por cartografia uma prática de pesquisa do tipo intervenção, tendo como intuito o acompanhamento de processos. Para alcançar determinado objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica e, também, um mapeamento dos locais de proveniência dessas pesquisas. Os resultados dessa investigação apontaram que o “método cartográfico” é restrito majoritariamente aos espaços institucionais (polos) da rede internacional de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”.

Palavras-chave: Método da Cartografia; Cartografias; Geografia; Filosofia da Diferença.

¹ Doutorando em Geografia (UFES), cuja tese, *Mapas, oficinas e corpo(s): Cartografias de Expressão*, é desenvolvida sob orientação da prof^a Dr^a Gisele Girardi.

Introdução

Esses *excluídos* vivem, todavia, no mesmo lugar que os incluídos, uma ilha, a *ilha do alfabeto*: um círculo perfeito a que chamamos *tudo*. Círculo no qual vamos sempre desenhando outros círculos concêntricos cada vez menores onde gostamos de colocar os incluídos e de onde se aponta desdenhosamente ou não para os *excluídos*, com sua *falta* de cultura, com sua falta de higiene, de eficiência, de princípios, de organização, de bondade, de compreensão [...] Os excluídos sempre estiveram dentro. Guilherme Corrêa (2006, p. 34).

A presente pesquisa parte do interesse do autor em estudar as possibilidades de uma prática de pesquisa, do tipo intervenção, em estudos na área da Geografia. Em que medida a pragmática de pesquisa cartográfica ou, o 'método da cartografia', é problematizado nas pesquisas em Geografia realizadas no Brasil? Trata-se de uma questão que nasce com meu envolvimento com um modo outro de pesquisar, desde as Iniciações Científicas que desenvolvi, enquanto cursava a graduação em Geografia e, posteriormente, no Mestrado em Educação.

Assim, quando me propus iniciar essa pesquisa, já tinha a expectativa de encontrar poucos trabalhos. Todavia, não possuía nada concreto em mãos. Precisava criar corpo para a pesquisa. E, assim, adotei uma estratégia que caminha no sentido de abrir espaço institucional para que essas práticas não majoritárias de pesquisa possam continuar acontecendo. Em certo sentido, trata-se de uma estratégia macropolítica.

Não pretendo, com isso, iniciar um processo de enrijecimento e hierarquização dessas pesquisas. O que importa, nesse caso, é abrir brechas naquilo que ainda é considerado algo sacralizado para nós, geógrafos: a palavra cartografia. Esse termo tem seu sentido praticamente exclusivo como uma ciência de produção de certos tipos de mapas. Não se trata aqui de propor um sentido supostamente melhor para a cartografia. Ao invés disso, proponho discutir a polissemia dessa palavra para a própria geografia, oferecendo outras possibilidades de práticas de pesquisa para os geógrafos em formação.

As discussões em aula, na disciplina de *Geografia do Conhecimento*², reforçaram o entendimento de que o conhecimento é construído por pessoas interessadas em algo, implicadas em seus problemas de estudo. E, nesse processo de construção, há relações de poder, valores sociais, hierarquias e aparatos institucionais que podem impedir ou favorecer a propagação de certas ideias. O conhecimento é situado e circula por certos espaços.

Nesse sentido, o intuito deste trabalho é mapear a produção de conhecimento, na Geografia brasileira que dialoga com a perspectiva cartográfica de acompanhamento de processos. Para isso, realizei uma revisão bibliográfica dos trabalhos que abordam o acompanhamento de

² Este trabalho se origina de uma pesquisa realizada na disciplina de *Geografia do Conhecimento*, ministrada em 2024/1, no Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFES), pelos professores Igor Robaina, Karina Fioravante e Rafael Catão.

processos na Geografia na última década, analisando de que maneira essa perspectiva está presente nesses trabalhos.

Em termos metodológicos, esta pesquisa se baseou na busca a partir da escolha de sete palavras-chave. Com essas palavras, elegi três bases de dados para investigar: a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal de Periódicos da CAPES e os anais dos Colóquios Internacionais “A educação pelas imagens e suas geografias”, organizados pela rede internacional de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”. Dados esses que são importantes de serem analisados, já que são produzidos no espaço institucional da rede. Um espaço criado para discutir entendimentos outros sobre as imagens.

Afinal, de qual cartografia estamos falando?

Atualmente podemos dizer que há uma polissemia em relação ao termo cartografia, sobretudo em áreas próximas da Geografia. Segundo Pereira e Girardi (2019), em *Cartografia de um processo de experimentação com arte e linguagens em aulas de Geografia*, o significado mais habitual confere à cartografia o título de “‘ciência de estudo dos mapas’, sendo mapeamento o conjunto de procedimentos e técnicas de sua produção” (Pereira; Girardi, 2019, p. 223, grifo dos autores). Esses procedimentos englobam um universo de técnicas e estudos, dos quais podemos citar: os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), os diversos softwares utilizados para a produção de mapas e os Sistemas de Posicionamento Global (GPS). É o significado estabilizado de cartografia para nós, geógrafos.

Um outro sentido de cartografia apresentado pelos autores, e que interessa ao recorte desta pesquisa, diz respeito à uma “analítica de processos” (Pereira; Girardi, 2019, p. 224), ou a um acompanhamento de linhas. Essa noção se refere aos desdobramentos da obra dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari em várias áreas, tais como na Educação e na Psicologia. O mapa, nessa concepção, é entendido como um “conjunto dessas linhas, ou ‘o que se passa entre’ dois corpos de qualquer natureza” (Pereira; Girardi, 2019, p. 224). Assim, cabe a cartografia acompanhar as transformações dessas linhas/movimentos nos processos de territorialização e desterritorialização.

Apesar de não ser possível afirmar que Gilles Deleuze e Félix Guattari, em suas obras conjuntas, propunham algo no sentido metodológico, um dos desdobramentos de suas obras caminhou justamente nesse sentido. Desde 1980, ano de publicação original de *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, as suas ideias foram permeando outras áreas do saber. Isso não ocorreu somente na França, mas também no Brasil.

A publicação do livro *Micropolíticas: cartografias do desejo*³, de Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), pode ser considerado um marco na introdução desse pensamento em terras brasileiras. E, assim, a discussão sobre a processualidade e o caráter de intervenção começam a ganhar corpo no Brasil desde essa época.

³ A publicação original no Brasil (1ª edição) é realizada ainda na década de 1980.

Quase duas décadas depois a discussão ganha novo impulso, sobretudo com a publicação do livro *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009). Essa obra é um marco no quesito metodológico para pesquisadores de diversas áreas que se dedicam a estudar processos, pois oferece pistas e orientações gerais na formulação de projetos de pesquisa. Os organizadores do livro, na seção de apresentação, nos questionam sobre

como nomear as estratégias empregadas na pesquisa, quando elas não se enquadram bem no modelo de ciência moderna, que recomenda métodos de representação de objetos pré-existentes? Como encontrar um método de investigação que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação? (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 9).

Nesse livro, ao invés de elaborarem um método no sentido estrito do termo, com regras e protocolos pré-estabelecidos, os autores fornecem orientações gerais para os pesquisadores. Tratam-se de oito pistas, que abordam a importância de ir à campo, de experimentar, de habitar um território, de afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita. Em consonância com essa perspectiva, Luciano Bedin da Costa (2014, p. 67) afirma que, “mais que uma metodologia científica, a cartografia aqui é entendida enquanto uma prática ou pragmática de pesquisa”.

Em uma dessas oito pistas elaboradas no livro de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), encontramos o texto *Cartografar é acompanhar processos* (Barros; Kastrup, 2009). Nesse texto-capítulo, Barros e Kastrup (2009) nos mostram que, para podermos acompanhar processos, precisamos estar imersos nos territórios nos quais pretendemos cartografar. Esses territórios são transitórios, estão em movimento, estão em processo de se tornarem outros. O território que se estuda pode ser um conceito, mas também, pode ser uma série de oficinas.

Enfim, o livro *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades* tem gerado discussão para além da Psicologia, adentrando também nas pesquisas em Educação, em Filosofia e nas Artes. Uma breve pesquisa no Google Acadêmico nos mostra que há mais de 2000 citações deste livro, considerando apenas as citações da obra como um todo, e não de seus capítulos separados. Desse modo, esse livro forneceu o embasamento necessário para orientar as buscas nas bases de dados, pois a partir dele surgiram algumas das palavras-chave utilizadas como disparadoras das investigações.

Desenhando uma ilha: inclusões e exclusões

Nesta busca foram elencadas sete palavras, a saber: Cartografia; Gilles Deleuze; Processos; Virgínia Kastrup; Mapas; “método cartográfico”; e “método da cartografia”. A partir desse conjunto de palavras realizei combinações de pares e isso balizou as pesquisas nas três bases de dados. Assim, foram pesquisados títulos, resumos, palavras-chave, referências e notas sobre os autores. No Portal de Periódicos da CAPES e, também, na Base Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o recorte temporal abrangeu o período entre o início de 2010 e setembro

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

de 2024. Em relação aos anais do Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias” foram analisados as últimas cinco edições, ou seja, de 2013 a 2023.

A partir dos resultados preliminares, adotei um critério comum de exclusão que resultou na retirada dos textos que não participam do núcleo da geografia. Pedagogos, filósofos, psicólogos, historiadores e artistas que, apesar de dialogarem com os referenciais analisados, produzindo cartografias processuais, precisaram estar fora do escopo de análise desta pesquisa.

Nesse sentido, passei a considerar apenas eventuais teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação em Geografia, Trabalhos de Conclusão de Curso em Geografia, artigos publicados em periódicos com Qualis em Geografia, além de demais trabalhos publicados por geógrafos e por professores nos cursos de graduação em Geografia do Brasil. O recorte é restritivo, sim. Mas, necessário para avaliar em que medida essa prática de pesquisa estaria adentrando o que podemos chamar de núcleo da produção de conhecimento na Geografia.

Poderíamos pensar, junto com o autor da epígrafe deste trabalho (Corrêa, 2006), que se trata daquela espécie de pequeno círculo no centro da ilha denominada “Geografia”, na qual diversos círculos concêntricos vão sendo desenhados. Os círculos maiores contemplariam os pesquisadores que dialogam com a polissemia da cartografia no mundo contemporâneo, mas que são provenientes de outras trajetórias institucionais.

Podemos nos questionar se a exclusão desse universo de trabalhos faz sentido. De fato, há pesquisadores de diversas áreas que tem se dedicado a pensar na multiplicidade de cartografias contemporâneas. Mas, para o bem e para o mal, tratou-se aqui de uma estratégia de legitimação macropolítica dessa prática de pesquisa na própria Geografia.

A cartografia a partir da filosofia da diferença

Assim, a pesquisa a partir desses critérios de inclusão e exclusão resultou em 64 trabalhos⁴. Como resultado disso, podemos observar tanto na Tabela 1, como no Mapa 1, a quantidade de trabalhos por município considerando a instituição de proveniência dos autores.

Tabela 1: Quantidade de trabalhos por município

Município	Número de trabalhos	Município	Número de trabalhos
Florianópolis-SC	17	Presidente Prudente-SP	1
Dourados-MS	16	Natal-RN	1
Vitória-ES	10	Rio de Janeiro-RJ	1
Campinas-SP	7	Belo Horizonte-MG	1
São Paulo-SP	3	Curitiba-PR	1
Porto Alegre-RS	2	Uberlândia-MG	1
Blumenau-SC	1	Crato-CE	1
Pelotas-RS	1		

Fonte: elaboração do autor, 2024.

⁴ As tabelas contendo os trabalhos selecionados podem ser visualizadas no documento a seguir, cujo link é: https://docs.google.com/document/d/1_DTCzoOEFAcNCyrUA0EIbwSnKwafrUkukzyDDfn_v-c/edit?usp=drive_link

Mapa 1 – A prática de pesquisa cartográfica na Geografia⁵

O diálogo com a cartografia a partir da filosofia da diferença na Geografia

Número de pesquisas por município

Considerando a instituição de proveniência dos autores

1.5 0 3



Source: IGBE via HDX (boundaries), Simple maps (points) • Elaborado por Willian Sartor Preve, 2024.

⁵ Mapa desenvolvido a partir do site/aplicativo *Flourish*. Para acessar a versão interativa deste mapa, segue o link: <https://public.flourish.studio/visualisation/19629407/>.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Ao observarmos o Mapa 1, vemos que essa espacialização evidencia, sobremaneira, os locais em que a Geografia tem tido abertura para dialogar com outras perspectivas de pesquisa. Fica evidente a produção de trabalhos em Florianópolis-SC, Dourados-MS, Vitória-ES e Campinas-SP, polos da rede “Imagens, Geografia e Educação”.

Dos 64 trabalhos selecionados, 49 são artigos/trabalhos publicados nos Anais do Colóquio Internacional, e somente 15 são textos encontrados nas demais bases de dados. Porém, desses 15 trabalhos, 9 são teses, dissertações e artigos publicados por membros da Rede, especificamente do polo Dourados-MS e do polo Vitória-ES.

Todavia, realizei uma análise para além do título, resumo, palavras-chave e referências. Então, pude encontrar textos de tipo teórico-conceitual que apenas dialogam com os referenciais da filosofia da diferença, correspondendo a cerca de um terço dos trabalhos analisados. O restante (dois terços), por sua vez, propõe situações habitualmente conhecidas como de *intervenção*, tais como oficinas, práticas pedagógicas, entrevistas e performances artísticas, indo além dos aspectos teóricos.

Conclusões

Analisar a produção de conhecimento geográfico, realizada no Brasil, no diálogo com a perspectiva cartográfica, de acompanhamento de processos, passou por uma série de decisões sobre o que incluir ou excluir. Nesse processo, o livro *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009), não poderia ficar de fora. Ele é um marco de referência para as pesquisas nessa linha.

Citar esse livro passou a ser um dos critérios para considerar os trabalhos investigados como sendo cartográficos, no sentido proposto neste texto. Mas, isso também apontou limites. Alguns trabalhos mencionavam o livro, mas de maneira instrumental, como se tratasse de um método no sentido estrito da ciência moderna. Outros, por sua vez, sequer mencionavam-no, mas a perspectiva era totalmente processual. A escolha dos critérios de busca pode ter, eventualmente, invisibilizado determinadas textos, pois a cartografia é, antes de tudo, uma prática de pesquisa. Uma ética. Não requer a citação de determinados autores.

Sem a pretensão de representar fielmente uma realidade pré-determinada, o mapeamento desses trabalhos, contudo, forneceu-nos um panorama dessa prática de pesquisa na geografia. O Mapa 1 coincide com a rede internacional de pesquisa “Imagens, Educação e Geografia”, sobretudo nos polos de Campinas, Vitória, Dourados e Florianópolis.

Por fim, é importante frisar que este trabalho também é um ato de criação. Apesar de ser escrito em linhas duras, o que é pouco habitual para a cartografia (e isso pode causar certo estranhamento no leitor), as decisões sobre inclusão ou exclusão também fizeram com que eu intervisse na realidade. Desenhei uma ilha repleta de círculos concêntricos, dizendo quem estava dentro ou fora. Resta, de agora em diante, estudar detalhadamente aqueles trabalhos inseridos dentro do círculo menor da ilha chamada Geografia!

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Referências

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

CORRÊA, G. C. **Educação, Comunicação, Anarquia: procedências da sociedade de controle no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, L. B. da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria-RS, v. 7, n. 2, p. 66–77, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 3 out. 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, E. de O.; GIRARDI, G. Cartografia de um processo de experimentação com arte e linguagens em aulas de geografia. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas-SP, v. 21, n. 1, p. 222-241, jan./mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8651867>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8651867/19011>. Acesso em: 29 set. 2024.